

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Irene Candida de Lima Pereira

**OS DESAFIOS DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM O SUJEITO/JOVEM
E NA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Belo Horizonte

2012

Irene Candida de Lima Pereira

**OS DESAFIOS DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM O SUJEITO/JOVEM
E NA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho apresentado à disciplina ACPP do
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em
Ensino na Educação Básica, da Faculdade
de Educação / Universidade Federal de
Minas Gerais.

Orientadora: Maria Zenaide

Área: Juventude, Escola e Cultura

Belo Horizonte

2012

Irene Candida de Lima Pereira

**OS DESAFIOS DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM O SUJEITO/JOVEM
E NA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Aprovado em _____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Zenaide Alves – Faculdade de Educação da UFMG – Orientadora

Prof. Renata Silva Bergo – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Shirlei Rezende Sales – Faculdade de Educação da UFMG

Agradecimentos

A Deus, por me conceder o dom da aprendizagem.

À Secretaria Municipal de Educação de Congonhas, pela oportunidade de participação neste curso.

Ao LASEB – UFMG, que proporcionou-me ampliar horizontes e conhecimentos.

À professora/orientadora Maria Zenaide Alves e aos demais professores que colaboraram com o meu crescimento intelectual e profissional.

À jovem Iara (minha filha) pelo apoio na digitação e formatação do presente trabalho.

RESUMO

Este trabalho vem oportunamente refletir sobre aspectos relevantes na construção de uma aprendizagem significativa levando-se em consideração as vivências e conflitos juvenis que muitas vezes se refletem na escola, bem como a postura que a escola assume, ou deveria assumir, na educação e formação desses sujeitos. Baseia-se nas considerações teóricas de Juarez Dayrell (2007), Maria Zenaide Alves e Gustavo Barhuch de Carvalho (2004), Maria Virgínia de Freitas (2005), Marcelo Paixão (2006), Valdir Alves de Souza (2007), entre outros, que nos chamam a atenção para as questões da predisposição para a aprendizagem, da importância da escola estar aberta e em diálogo com o seu entorno, ressignificando seus espaços, a melhoria das suas relações com o público jovem, levando-se em consideração o seu aprendizado prévio ou extra-escolar, conhecendo e valorizando as diferenças sócio culturais, confiando nas possibilidades dos alunos envolvidos no processo. A metodologia adotada é uma reflexão teórica sobre os textos apresentados durante o curso de Pós Graduação na área Juventude, Escola e Cultura que nos chamam a atenção justamente sobre a juventude, seus conflitos, suas vivências e sua relação com a escola, para a partir desse entendimento, desse conhecimento do seu público, a escola promover cada vez mais promover aprendizagens significativas e que satisfaçam aos anseios do jovem nela inserido. Neste trabalho, serão analisados em quais aspectos a escola tem falhado e/ou acertado no processo de ensino-aprendizagem e na promoção da interação positiva entre jovens/escola e a sociedade em que estão inseridos. Diante da importância de se discutir questões relevantes a serem vencidas no trabalho escolar com o jovem evidenciamos também que existem iniciativas bem sucedidas que nos permitem perceber que é possível se fazer uma educação de qualidade e de valorização do sujeito levando-o a construir, verdadeiramente, a sua identidade e autonomia.

Palavras chave: escola, jovem, aprendizagem significativa.

SUMÁRIO

Conteúdo

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Jovem, vivências, conflitos e reflexos na escola.....	21
2.2 A postura da escola frente ao jovem/aluno.....	25
2.3 Uma escola almejada por todos	28
2.4 Quando a escola se omite.....	35
2.5 A igualdade racial dentro e fora da escola	37
2.6 Identidade, sexualidade e gênero nas práticas escolares.....	39
2.7 Caminhos para a construção de uma aprendizagem significativa.....	42
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
4. REFERÊNCIAS	48
6. ANEXOS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Trabalhando como alfabetizadora há 23 anos nas séries iniciais do Ensino Fundamental, percebo o quanto a escola e o aluno buscam respostas e soluções para seus conflitos e dificuldades. Muitas vezes, a escola não está preparada para lidar com a diversidade cultural, conflitos, e, embora se discuta muito no âmbito teórico sobre como tornar a escola mais significativa para o público a que atende, na prática há muito por se fazer, por se concretizar.

O que estaria faltando na escola para que o jovem/aluno possa se interessar em frequentá-la a fim de construir seus aprendizados de forma prazerosa e significativa? O ambiente escolar estaria sendo atrativo para esse jovem/aluno? Haveria, na sua vida pessoal, obstáculos físicos, psicológicos e financeiros que dificultem o seu acesso à cultura escolar? A escola, por não respeitar, muitas vezes, a cultura juvenil, estaria reforçando o preconceito e a discriminação gerando ainda mais nesses sujeitos atitudes de rebeldia e revolta? Estaria a escola, ao invés de promover a igualdade de direitos entre os jovens, rotulando-os, discriminando-os, e deixando de dar voz e autonomia a esses sujeitos? Uma escola que busca minimizar os conflitos, promovendo parcerias com outros segmentos da sociedade, estará contribuindo para o bem estar de todos os envolvidos e ajudando-os a superar suas dificuldades e limitações.

Acredito também que uma das causas da indisposição para aprender, da baixa autoestima pode estar relacionado a conflitos internos, consequência muitas vezes dos conflitos vividos em família e na sociedade e que não dão conta de resolver, não têm, muitas vezes, estrutura emocional para lidar com essas situações. Elevar a autoestima dos alunos, proporcionando-lhes maior segurança, maior estabilidade emocional, levaria a uma melhoria dos relacionamentos dentro e fora da escola, refletindo também na aprendizagem e na promoção do respeito às diferenças. Seriam também causas da indisposição para aprender: A falta de recursos básicos relacionados à sobrevivência como a alimentação, o vestuário, o saneamento básico? A falta de transporte, de estradas, que consta ainda dos noticiários em algumas regiões do Brasil e que dificulta o acesso do jovem à escola? E os pensamentos negativos, o medo da reprovação, as barreiras que se colocam entre professor e aluno, a falta de concentração?

Seriam as questões sociais como desemprego, subemprego, trabalho infanto-juvenil, negligência dos Pais? Uma escola desqualificada, na qual não se almeja uma melhoria na qualidade do ensino, a fim de atrair a atenção do jovem aluno, não o estimula a querer aprender. Outros jovens alunos não têm outra ocupação durante o dia a não ser ir para a escola. Normalmente são filhos de famílias com estrutura financeira bem equilibrada ou, em certos casos, filhos de famílias que se esforçam muito, com muito sacrifício para dar aos filhos o estudo que não puderam ter. Realidade esta notada no meio em que vivo e no Brasil de forma geral através dos meios de comunicação.

Dentre os jovens há aqueles que mesmo só estudando, ainda acham o estudo algo difícil demais. Seria pela forma como a escola na qual estudam, trabalha a questão do conhecimento de maneira pouco atrativa, muito cansativa, sem significado?

A disposição também é construída nas experiências vividas: tanto pode ser consequência de uma necessidade, um interesse ou um desejo pessoal, como de uma motivação ou estímulo vindo de outras pessoas. Se há uma disposição positiva para aprender [...], esse processo tão complexo que demanda conhecimentos e o desenvolvimento de capacidade pode ser mais fácil. (VÓVIO, 2007. P. 78)

Estudar não é tarefa fácil. A produção de conhecimento, que não é fácil, pode ser aliviada pela escola que procura educar gerações para o trabalho e para a vida, atribuindo significado prazeroso ao estudo, não dando apenas instrução e ensino descontextualizado, e em certos casos até deseducando, quando se omite diante da realidade do jovem ali inserido, quando não procura refletir e discutir juntos soluções para a melhoria ou resolução de problemas, impondo-se com autoritarismo como se fosse dona da própria verdade. Uma escola que não se preocupa em olhar para dentro de seu próprio estabelecimento a fim de corrigir falhas, e aceita que conflitos ali existentes sejam vistos como normais, deseduca. Com que olhar o jovem olha sua escola?

Se a escola não for vista como local de trabalho sério e comprometido, o resultado se reflete na desvalorização do próprio trabalho pedagógico, desvalorização do professor como profissional da educação. É na escola que o

jovem deveria se preparar melhor para questões vividas por ele, necessidades imediatas, mas mais do que isso, no mundo globalizado em que vivemos, necessitamos de desenvolver em nossos jovens habilidades que os permitam lidar com o novo, enfrentar novos problemas e desafios.

É o professor, tantas vezes desvalorizado quem forma todos os outros profissionais. Durkheim, há cem anos atrás, ministrando um curso sobre História do Ensino na França, já dizia:

“Consequentemente a confusão intelectual na qual se acha, dividido entre um passado que está morrendo e um futuro ainda indeterminado, o ensino secundário não manifesta a mesma vitalidade, a mesma vontade de viver que outrora. A antiga fé na persistente virtude das letras clássicas ficou definitivamente abalada. Até aqueles cujo olhar se volta com a maior facilidade para o passado sentem muito bem que algo mudou, que nasceram necessidades que devem ser satisfeitas. Mas, por outro lado, ainda não surgiu nenhuma fé nova para substituir a que está desaparecendo. A missão de um ensino pedagógico é precisamente a de ajudar na elaboração dessa nova fé e, portanto, de uma vida nova, pois uma fé pedagógica é a própria alma de um corpo docente.” (DURKHEIN , 1995, P.100)

Uma das metas a ser alcançada em uma escola poderia ser a melhora da convivência, levando-se em conta que os jovens necessitam dessa construção para viver mais harmoniosamente inclusive noutros ambientes escolares e extra escolares. Exercer a sua autonomia, não se curvando as tradicionalismo político, se organizando de forma mais cooperativa, no sentido de se alcançar objetivos comuns e não se reduzindo ao exercício da profissão do ensinar como sacerdócio. Comprometer-se de fato com o seu público, numa mediação entre o conhecimento prévio e o oferecido pela escola, não tornando-a um jogo de faz-de-conta, mas um verdadeiro espaço de diálogo e construção social.

Acredito que a escola poderia contribuir para promover a estabilidade emocional de seus alunos. Seria preciso também que para chegar até a escola, eles contassem com estrutura básica que lhes proporcionasse alimentarem-se bem, viverem melhor, deslocarem-se até a escola de maneira digna e segura. A partir daí, a sala de aula é um espaço que deve ser ressignificado, não de

submissão, de inferioridade, de autoritarismo. A sala de aula é lugar de compartilhamento de saberes, formação do ser humano completo. E onde não há compartilhamento de saberes e formação, poderá haver baixo rendimento, indisciplina, desinteresse, atitudes e comportamentos violentos.

Além de se constituir como espaço de mútuo engrandecimento de professores e estudantes, a escola deve ser espaço aberto ao diálogo com a comunidade a que atende. Não se trata de imaginar que a escola deverá ser responsabilizada por resolver os problemas específicos da comunidade e da sociedade como um todo. Mas, certamente, uma abertura ao diálogo poderá potencializar o debate sobre esses problemas e tornar possível o compartilhamento que são de todos: governos escolas, profissionais do ensino, população em geral. (SOUZA, 2007. P. 108)

A partir de reflexões apresentadas anteriormente e que dizem respeito à dificuldade muitas vezes encontrada pelo jovem/aluno de se relacionar com a escola e reciprocamente, da escola em se relacionar com o jovem, objetiva-se este trabalho em refletir sobre a escola atual, sua atuação, o modo como deveria se relacionar com o jovem na mediação do ensino aprendizagem, quais as modificações necessárias no campo educativo, que proporcionariam maior significado ao processo do aprender a ser e a fazer necessários na vivência e convivência no mundo lá fora, adquirindo habilidades que lhe possibilitassem direcionar sua vida pessoal, profissional e social.

Através das reflexões, busca-se compreender como se dão as relações jovem/escola, profissionais e outros envolvidos no processo e através desta compreensão, aprender também a lutar por uma escola melhor, onde cada envolvido se sinta no dever de fazer acontecer de fato o aprendizado que é almejado por todos, sem imposições, sem autoritarismo, e sim, baseado no diálogo, na interação, na busca mútua e comprometida com o saber e o sucesso escolar.

O jovem no momento em que se relaciona com o meio escolar não se dissocia da sociedade, do meio onde vive, e na verdade, ambos se complementam e se interagem, ou seja, o jovem traz muito do externo para a escola, assim como aplica na vida e na convivência diária os aprendizados escolares. Souza, 2007, p.108 aborda que é impossível entender a escola distante da sociedade e da cultura onde está inserida. Uma análise, um estudo e um

entendimento das condições em que se dão os relacionamentos escolares e extra-escolares facilitaria a criação de ações positivas que levariam esse jovem a dar maior importância ao aprendizado escolar e ao mesmo tempo levaria a escola a refletir e vincular-se ao cotidiano do jovem não como uma simples transmissora de conteúdos, que muitas vezes, são insignificantes e desvinculados da realidade social em que vivem.

É um trabalho baseado na discussão teórica, levando-se em conta o pouco contato que tenho com o público jovem, por atuar numa escola de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O desafio é maior no que diz respeito ao entendimento do público jovem, mas ao mesmo tempo não impossível de se analisar tendo em vista a vasta e rica quantidade e qualidade de materiais bibliográficos que tratam do assunto e que demonstram claramente a relação jovem/aluno/escola/sociedade.

O trabalho encontra-se estruturado em tópicos, onde em cada um, se encontram reflexões que dizem respeito à vivência escolar do jovem, e como se dá sua relação com o cotidiano escolar, numa perspectiva teórica, não dissociada da prática escolar na busca de uma aprendizagem significativa e de promoção da igualdade de direitos entre os jovens.

Assim, busca-se refletir sobre como o sujeito/jovem interfere com suas vivências no cotidiano escolar ao qual está inserido, manifestando atitudes muitas vezes negativas, mediante a própria exclusão escolar, e como esta instituição poderia trabalhar na reconquista desses jovens, levando-os a enxergar significados para suas vidas, mediante uma escola que o torne protagonista de sua própria aprendizagem, de apropriação do mundo, da busca de novas alternativas na busca da autonomia e criticidade frente aos desafios que enfrentam.

A reflexão também é no sentido de que é possível se construir uma escola de qualidade que atenda aos anseios de seu público tendo em vista uma rotina de estudo compartilhada entre professores e alunos e alunos/alunos onde saberes são trocados, numa reorganização de tempo e espaço, agregando novos valores às suas práticas. Como exemplo desse processo, é citado a “Escola da Ponte” em Portugal e o projeto que a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) desenvolveu com jovens da periferia de Belo horizonte, de forma significativa e dinâmica.

Reforça-se também a discussão sobre as consequências negativas que podem ocorrer dentro do ambiente escolar quando a escola deixa de perceber o jovem enquanto sujeito cultural, social, deixando de promover a interação, a participação e a descoberta e promoção da igualdade social. Quando não dá importância ao diálogo, ao respeito. Quando não valoriza os saberes adquiridos previamente, suas experiências como sujeito/jovem e quando não promove também a interação com a comunidade, em busca de parcerias, para vencer obstáculos, e deixar de mudar posturas e métodos ultrapassados e com pouca significância para o aluno.

Apresenta-se inicialmente um Diagnóstico da Escola na qual atuo há 11 anos, e um pouco do seu contexto histórico, social e geográfico. Também comenta-se sobre minha trajetória escolar e profissional ao longo de meus 23 anos de atuação no magistério, na qual tive a oportunidade de perceber mais claramente as questões ligadas à prática, à inovação, ao aprendizado num contexto social e político no qual está envolvido.

A Escola Municipal “Dona Mariana Seabra”, onde atuo no momento, está localizada em uma região montanhosa, entre grandes serras que compõem a paisagem de uma estrada de terra que liga Congonhas a Jeceaba. Situa-se ao lado de uma área parcialmente preservada, considerada como Serra dos Paulistas. O nome do bairro é Esmeril e nele encontramos pequenas chácaras e três hotéis fazenda em que ainda restam algumas áreas verdes. A comunidade é privilegiada pela água e pelo ótimo lugar para se viver em harmonia com a natureza. A visão do bairro alcança muitas cidades e uma bela paisagem. Os jovens têm pouca opção para lazer, e pouco acesso aos hotéis fazenda que são de luxo. A comunidade possui dois bares que são pontos de encontro para amigos. A escola torna-se referência para a comunidade, sendo uma instituição local de parceria. O prédio sempre é emprestado para festas regionais ou reuniões da comunidade, pois a mesma tem uma Associação de Moradores de Bairro atuante. O bairro possui também um posto de saúde que recebe quinzenalmente um médico para atender aos moradores. Após concluírem o quinto ano das séries iniciais os alunos são obrigados a procurarem outra instituição de ensino para continuarem os estudos. Alguns vão para o município de Congonhas, outros vão para o município de Jeceaba que são as cidades mais próximas. Há uma

pequena igreja em que uma vez ao mês há celebração religiosa pelo sacerdote e, semanalmente, os vicentinos se reúnem para suas atividades.

A área construída da escola é de cerca de cento e quinze metros quadrados, e o total de toda a área da escola é de cerca de quatrocentos e quarenta e cinco metros quadrados, que são utilizados para diversos ambientes de estudo e lazer, onde os alunos têm salas de aula, pátio, biblioteca, laboratório de informática, horta escolar..

A história desta escola está de muitas formas entrelaçada com a história de vida dos moradores do Esmeril. O bairro é conhecido pela beleza da paisagem e pela exploração e extração do minério. A vegetação é de campos e cerrados. Esta escola foi oficialmente criada pelo decreto Lei nº06 de 1º de fevereiro de 1939, assinado pelo Prefeito Dr. Alberto Teixeira Filho, que em homenagem à Srª Mariana Monteiro Seabra, conceituada professora, a denominou Escola Municipal “Dona Mariana Seabra”.

A escola foi reconstruída em quinze de dezembro de mil novecentos e noventa e em dezenove de abril de dois mil e dez, a atual administração ampliou e reformou toda a escola, inclusive calçando o pátio.

Este ano estamos reformulando o Projeto Político Pedagógico da escola em parceria com o “Instituto Compreender”, que é parceiro da FERROUS (A Ferrous Resources do Brasil foi fundada em 2007 e é uma empresa de pesquisa, prospecção, exploração, beneficiamento e comercialização de minério de ferro nos mercado interno e externo, com logística integrada.), e estamos realizando reuniões mensais com a comunidade escolar. A escola possui uma proposta de parceria também com a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), que é outra empresa de grande porte que extrai o minério da comunidade, de participar do projeto “Garoto Cidadão”. Outra parceria que muito nos beneficia é a dos hotéis da região, que nos emprestam a maravilhosa área para finalização de projetos ou lazer com nossos alunos.

A escola atende a cerca de 30 educandos, distribuídos em dois turnos de trabalho. Há três anos atrás a escola atendeu ao turno da noite com turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola atende, além da comunidade do Esmeril, à comunidade de Barra de Santo Antônio, a qual não possui escola.

A Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” está inserida em uma região composta majoritariamente por famílias de baixo poder aquisitivo, muitas

beneficiadas pelos programas governamentais de transferência de renda. Os trabalhos executados aqui são na lavoura ou nas empresas que estão desmatando partes da comunidade local.

A escola possui como espaços propriamente pedagógicos quatro salas de aula, um laboratório de informática, um pátio calçado e uma biblioteca. Possui como área de lazer e circulação um pátio calçado, um parquinho e dois banheiros. Possui como área de serviços um almoxarifado, uma área com tanque e a cantina. Como espaço reservado aos professores, possui uma sala de professores e direção. Como espaço reservado para a gestão, possui a sala de direção e secretaria.

A escola conta com um quadro de seis servidores para as áreas de administração e manutenção. Destes, três são contratados por firmas terceirizadas pela atual administração. O corpo docente é composto por sete profissionais. Todos têm formação em nível superior e estão sempre se aperfeiçoando mediante as oportunidades de cursos de formação continuada oferecidos pela própria SME (Secretaria Municipal de Educação). É um grupo em que todos trabalham coletivamente, elaborando e executando projetos. Geralmente os projetos desenvolvidos na escola são finalizados com festividades e neles há participação dos pais/comunidades (Esmeril e Barra Santo Antônio). Há dois anos consecutivos a escola é contemplada com a premiação “Escola Que Faz a Diferença” (É uma premiação que os membros da escola recebem, mediante o bom desempenho no trabalho e a participação em cursos de aperfeiçoamento pedagógico), pela Secretaria Municipal De Educação.

A maioria dos alunos para chegar à escola necessita de transporte escolar e para comunicarmos com os pais dos mesmos, precisamos de um transporte extra, uma vez que não possui transporte coletivo na localidade, que satisfaça às necessidades de todos. Durante o ano letivo os alunos com dificuldades de aprendizagem, contam com o auxílio de uma recuperadora em horário extra.

Como ocorre em outras escolas, muitos dos alunos são filhos de família de baixa renda, sofrem com a desestrutura dos familiares, no âmbito intelectual, instabilidade emocional, muitas frustrações, agressividades, demonstradas em geral por eles mesmos no âmbito escolar.

Dentre os aspectos relativos aos alunos considero que podem ser problematizadas: as questões da carência emocional, intelectual e financeira das

famílias, as questões relativas à agressividade entre os alunos, às frustrações e inseguranças e à questão de haver aprendizagem, mesmo em meio a tantos aspectos negativos que influenciam direta ou indiretamente no processo escolar desses alunos. Aspectos esses que também se encontram, sem dúvida, presentes nas demais escolas que atendem a jovens e adolescentes no município de Congonhas.

Muitos alunos com idade inferior a 12 anos, convivem com este tipo de problema e como muitas vezes não contam com a ajuda de um profissional para vencê-los, costumam levá-los para a fase da adolescência e juventude, sofrendo as sequelas e conseqüentemente manifestando comportamentos rebeldes e/ou agressivos dentro do âmbito escolar, ao qual se destinam mais tarde.

Trabalho na Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” há onze anos e a opção pelo trabalho na área da educação, concretizou-se no término de meu ensino fundamental, quando no ano seguinte, foram implantados na escola em que estudava os cursos de Magistério e Contabilidade. Optei pelo curso de Magistério, e, uma vez habilitada, não demorei a exercer a profissão. Muitas foram as dificuldades, porém os desafios também me ajudaram a crescer.

Até completar o ensino fundamental e o curso de Magistério, estudei em escola pública. Após esse período passei a dedicar-me ao trabalho, lecionando em várias escolas do município onde resido. Depois de alguns anos, fui contemplada com a oportunidade de cursar o ensino superior, o Normal Superior do Projeto Veredas. (Curso de Formação Normal Superior de Professores, na modalidade de educação a distância. Patrocinado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais em convênio com várias agências formadoras desde 2002, com vistas à melhoria da qualidade da educação das séries iniciais). Tal curso, de altíssimo nível, possibilitou-me enriquecer minhas experiências como educadora na medida em que ia refletindo sobre a Prática Pedagógica, tendo uma visão mais ampla e crítica da realidade dentro e fora da escola e oportunidade de colaborar na transformação da mesma.

Posteriormente, tive a oportunidade de freqüentar o curso de Pós Graduação Lato Sensu , proporcionado pela Rede Municipal de Educação de Congonhas. Foi mais uma das oportunidades que procurei garantir na minha formação profissional. Além destes cursos, sempre procurei participar de palestras, seminários, eventos. Procuro ler sempre temas ligados à área da

educação. O curso Normal Superior do Projeto Veredas e o curso de Pós Graduação ministrado pelo CEPEMG (Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais), com certeza contribuíram com minha trajetória profissional e de vida. Um dos aspectos mais relevantes dos cursos que concluí diz respeito à forma como percebia a alfabetização em meu início de carreira e como a vejo hoje, através de práticas inovadoras, conhecimento do contexto político e social à qual está inserida.

Atuo hoje com um grupo de alunos do 3º ano do ensino Fundamental na Escola Municipal “Dona Mariana Seabra” e tive a oportunidade de receber por pouco tempo em minha turma um aluno jovem com dezesseis anos que passa por uma situação de defasagem idade/série. É um jovem que se apresenta com a auto estima baixa, pouca autonomia na realização de suas atividades escolares, bastante tímido, eu diria.

O que teria levado esse jovem a tal situação? Houve omissão por parte do sistema escolar em relação a ele? Como teria sido sua vida pessoal e quais dificuldades e desafios teria encontrado nessa trajetória de vida que o impediram de progredir melhor em seus estudos e na sua construção pessoal e social?

Hoje minhas expectativas são de melhorar cada vez mais a minha prática, tendo em vista a grande transformação do mundo moderno e a necessidade de estar sempre atualizada frente aos novos desafios que se encontram no dia a dia dos profissionais e alunos com os quais convivemos e dividimos nossas experiências, interesses e objetivos em comum.

Cheguei a este curso de Pós Graduação da UFMG pela oportunidade de vagas que nos foi oferecida pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Congonhas. Me interessei pela área juventude, escola e cultura por entender que direta ou indiretamente lidamos com jovens, seja na escola, em casa, na sociedade, onde há a necessidade de entender suas vivências, convivências, e sua forma de atuação que se encontra em constante transformação, onde a cada dia novos desafios se apresentam a todos.

Desafios esses que se apresentam muitas vezes em atitudes de agressividades entre os jovens, inseguranças, desânimo, desilusão, baixa autoestima, carência de compreensão e de acolhida por parte da escola, dificuldades de lidar com frustrações. Uma escola que busca transformar esse relacionamento investe em ações positivas, dando valor, em primeiro lugar, ao

conhecimento, às experiências e vivências desse jovem levando em conta que ao investir em suas potencialidades, estará promovendo o interesse e a busca do conhecimento, o respeito às regras, a valorização do trabalho em equipe, a aceitação da limitação do outro, minimizando a ocorrência de fatos como a intimidação de colegas e de professores. É o espaço da escola sendo ressignificado.

Através deste curso, o curso de Pós Graduação Lato Sensu, da Secretaria municipal de Educação de Congonhas, em parceria com a UFMG, tenho o interesse de aprimorar-me ainda mais e contribuir com este aprimoramento na condução do trabalho pedagógico da escola em que atuo, proporcionando aos alunos uma formação mais ética, respeitando diferenças culturais, permanências e mudanças, avanços e dificuldades e vivências de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, jovem, escola, sociedade, tendo em vista um só objetivo comum que é a transformação e melhoria da sociedade em que vivemos, convivemos e atuamos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Torna-se relevante uma reflexão e um aprofundamento sobre as questões que envolvem direta ou indiretamente o jovem e a escola, assim como um olhar sobre suas vivências, conflitos, habilidades e potencialidades adquiridas no meio social e cultural e como a escola e a sociedade lida com essas questões, levando-se em conta as aspirações e demandas juvenis, no sentido da formação do cidadão de forma íntegra, digna, co-participante da elaboração de seus aprendizados numa visão presente e futura. O jovem não será preparado somente para a cidadania futura e sim para hoje, a atualidade, onde não está alheio aos fatos, acontecimentos, conquistas, vitórias e derrotas.

Como profissionais atuantes na área da Educação, cabe-nos procurar compreender o jovem, suas singularidades, sua cultura e seu relacionamento com a escola e como a escola o vê, nas suas mais diversas formas de ser adolescente e jovem, “termos estes que ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por distintas abordagens” (FREITAS, 2000, p.6) seus aprendizados e manifestações positivas e negativas, suas expectativas de vida, suas aspirações, suas conquistas e derrotas. Adolescência e juventude são períodos de vida que se diferenciam dependendo do contexto social, cultural, histórico e relacional de cada indivíduo, com especificidades múltiplas, ressignificados e em processos constantes de mudanças que nem sempre precisam ser conflituosas, dolorosas demais.

As respostas produzidas até então, sob a referência da defesa dos direitos das crianças e adolescentes, centradas nos fundamentos da proteção e tutela pra garantir um desenvolvimento adequado dos sujeitos até atingir a maioridade, se mostraram insuficientes para dar conta das questões emergentes relativas aos processos (e dificuldades) de inserção e atuação no mundo social, vividos por aqueles que já têm mais de 18 anos, mas que se encontram ainda num momento diferenciado da idade adulta, exatamente por estarem ainda construindo seus espaços e modos de inserção. (FREITAS, 2005, p.8)

São muitos os dilemas vividos pelo jovem quando buscam se inserir na sociedade, experimentar, participar, quando chegam à escola e esta não corresponde às suas expectativas. Não se pode querer que o jovem atual reaja

como um jovem de anos atrás, aceitando, na maioria das vezes, de forma passiva o que é imposto pela sociedade e pela escola.

O jovem constrói sua identidade individual, coletiva e social, nas relações interpessoais, nas instituições, onde se explicitam variados costumes e traços culturais. As juventudes são várias com estilos de vida diferenciados. Fazem parte de uma construção histórica, social, cultural e relacional. “A juventude não é um ‘dom’ que se perde com o tempo, e sim uma condição social com qualidades específicas que se manifestam de diferentes maneiras segundo as características históricas sociais de cada indivíduo.” (BRITO, 1996, P.13)

Sobre o jovem é depositada uma carga pesada como sendo sujeitos de transformação social, ignorando, muitas vezes, o papel dos movimentos sociais, onde outros sujeitos estão envolvidos. Sendo o jovem um sujeito de direitos, não pode ser rotulado por suas incompletudes e desvios, nem ser tratados exclusivamente como elementos perigosos para a sociedade. Em entrevista coletiva e individual, em observação de aula e em análise documental, com quarenta e quatro jovens estudantes de catorze à vinte e quatro anos em Belo Horizonte, Minas Gerais, um jovem declara: “Eu não sou perigoso. Perigosa é a vida que o sistema me obriga a viver. E olha que ele já estava aqui quando eu nasci.” (SILVA, 2010, p. 179)

Qual o papel da escola na educação desse sujeito? Como a escola visualiza o sujeito jovem, como o reconhece? O que é ser jovem? Como, onde e com quem aprende-se a ser jovem? Quais as responsabilidades adquiridas e atribuídas a esse sujeito? Como o sujeito jovem lida com suas incompletudes e desafios?

Em entrevista realizada por mim numa classe de curso técnico em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, cinco jovens falam sobre suas identidades no sentido de explicitar “O que é ser jovem” e “como, onde e com quem se aprende a ser jovem”, evidenciando a influência da família, amigos, escola e dos obstáculos que enfrentam na vida. Analisando as respostas dessa entrevista, que se encontra em anexo neste trabalho, tive a oportunidade de refletir sobre a posição que assumimos e a nossa responsabilidade enquanto educadores na construção do aprendizado desses sujeitos, de forma autônoma, crítica e participativa, sem exclusão, sem imposições. Em todas as respostas pude perceber que os jovens abordam a questão do aprendizado relacionada à

convivência com adultos, sendo que dois deles explicitaram as palavras “estudo” ou “escola”. Os que não explicitaram estas palavras, mencionaram as expressões “convivência com adultos”, ou “dando os primeiros passos para a vida adulta”. Percebi, portanto, que como adultos somos referência para o jovem, de forma positiva ou negativa. E como educadores, que referência somos na formação sólida desse sujeito? “Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.” (GOMES, 2005, p.3.)

Como a escola faz as juventudes? Até que ponto a escola está, de fato, empenhada em formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e de sua atuação na sociedade de forma a transformá-la para melhor? O aluno/jovem busca respostas que não se limitam ao espaço escolar e ele não deve estar ali por mera obrigação. Deve compreender a importância da escola relacionada ao seu próprio projeto de vida. Questionar é próprio do jovem. A escola que proporciona a oportunidade ao jovem de questionar e co-participar na busca de respostas, faz com que ele se sinta motivado a estar na escola.

“Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola ‘faz’ a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.” (DAYRELL, 2007, p.1107.)

O jovem ao chegar à escola traz consigo inúmeras experiências positivas e negativas, duras, difíceis, como a pobreza, que o obriga desde cedo a garantir o mínimo de sobrevivência. No entanto, apesar de todas essas dificuldades, o jovem ainda pensa num projeto futuro e que pode ser viabilizado por meio da escola, que, tem como papel a permanente busca da construção social, não se esquecendo que o próprio aluno é uma construção histórica.

“Assim, o jovem se torna aluno em um processo no qual interferem a condição juvenil, as relações intergeracionais e as representações daí

advindas, bem como uma determinada cultura escolar. Acredito ser aqui, na forma como os jovens vêm se construindo como alunos, que reside um dos grandes desafios na relação da juventude com a escola, colocando em questão velhos modelos, com novas tensões e conflitos.” (DAYRELL, 2007, p.1119)

2.1 JOVEM, VIVÊNCIAS, CONFLITOS E REFLEXOS NA ESCOLA

Refletindo sobre o sujeito/aluno e suas vivências fora do âmbito escolar e pensando um pouco sobre atitudes de agressividade, insegurança, dificuldades de lidar com frustrações que se refletem dentro da escola, entendo que podem ser frutos de uma dura realidade em que vivem e que não dão conta de resolver dentro de si. Realidade de abandono, pobreza, vulnerabilidade à violência, ameaças, falta de apoio familiar, drogas, tráfico, falta de moradia, condições indignas de sobrevivência.

Crescer com a segurança de que são amados faz com que os filhos se tornem jovens adultos capazes de construir suas vidas com otimismo e confiança. Eles terão mais capacidade de descobrir seus caminhos, alcançar o sucesso e se mostrar solidários... Não há menor sombra de dúvida de que, para os adolescentes, o fato de se sentirem amados constitui o alicerce psicológico de suas vidas. (NOLTE; HARRIS, 2005, p.181 apud PAROLIN, 2009, p. 121)

O jovem ao chegar à escola vem com um conhecimento prévio de mundo, traz consigo aprendizados que se refletem ora positivamente, ora negativamente no processo educativo. Muitas das experiências que trazem dentro de si se refletem negativamente dentro da escola porque não encontram esses jovens, na própria escola, estímulo necessário à aprendizagem que possa desencadear um dia em sua própria mudança de situação de vida, seja através de um emprego futuro, ou de um possível empreendedorismo. Em seu texto, intitulado “Organização dos Processos de Aprendizagem”, Vóvio nos aponta uma reflexão sobre as visões que os professores têm sobre os jovens com os quais convivem na escola. Nota-se uma prevalência dos aspectos negativos sobre os positivos, nas respostas dadas por catorze educadores de escolas públicas a respeito de como são os jovens hoje quanto aos aspectos positivos e negativos, respectivamente:

Menos dependentes, mais informados, sabem o que querem, possuem mais habilidades artísticas que a geração anterior. Sem limites, desiludidos, apáticos, sem valores, sem responsabilidade, sem objetivos claros quanto à realização de suas potencialidades, rebeldes, petulantes, atrevidos,

acomodados, carentes, irreverentes, não respeitam regras e valores , vivem sob a lei do mais forte, preguiçosos, não se preocupam com o estudo, imediatistas, desmotivados, despreocupados, desesperançosos, sem perspectiva de vida, não têm noção de certo e errado, banalizam a violência, prendem-se a imagens, não aproveitam oportunidades, carentes, insatisfeitos, sem rumo, sem utopias, sem sonhos, arrogantes, individualistas, sem esperanças, sem autocontrole, sem fé na vida, não vêm a escola como transmissora de conhecimentos, usam violência gratuita, têm agressividade reprimida, só reproduzem o que recebem (alunos do noturno), são incapazes de compreender as situações, não acatam autoridades, sem parâmetros. (CORTI, A. P; FREITAS, M. V; SPOSITO, M. apud VÓVIO, 2007, p. 77)

Um rotulamento muito grande da escola em relação ao aluno que possui muitas potencialidades como independência, informação, determinação, habilidades diversas, são sujeitos de seus aprendizados, assumem responsabilidades como trabalho, família, estudo, além de aproveitarem muitas outras oportunidades na vida. Estão numa fase de descoberta, de olhar a realidade da vida, são capazes de vencer obstáculos e de tomar decisões, e contam com o auxílio da escola, família, igreja, para se tornarem pessoas melhores.

É fora da escola que toda a gente aprende a viver, a falar, a pensar, a amar, a sentir, a brincar, a blasfemar, a desvencilhar-se, a trabalhar e as crianças não são uma exceção a esta regra: “Elas aprendem a maior parte do que sabem fora do sistema educativo tão cuidadosamente construído para elas.” (ILLICH , 1971, p. 57 apud CANARIO, 2005, p.70)

Para o jovem, não é diferente. Eles aprendem a viver, vivendo, e fora da escola, embora à custa de muitos desafios. Porém a escola deve proporcionar a esse jovem a oportunidade de vincular suas vidas a ela, demonstrando o que vivem, o que sentem, o que pensam. Muitas vezes esse ambiente externo os obriga a conviver com vários problemas como a baixa escolaridade dos pais, baixa renda, desestrutura familiar entendida como os limites que muitos familiares não conseguem dar aos filhos, a falta do apoio psicológico, a instabilidade emocional, convivência com vícios, inseguranças, carências, falta de recursos básicos de sobrevivência.

[...] Limite é uma palavra que tem, muitas vezes, uma conotação negativa, ligada erroneamente à “repressão”, “proibição”, “interdição, etc. Inclusive lembrando “repressão política”. No entanto, limite é algo muito além disso: Significa a criação de um espaço protegido dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receio e riscos. Precisamos lembrar que não existe conteúdo organizado sem um continente que lhe dê forma... a falta de “limites” na adolescência é conseqüência, em maior ou menor grau, de dificuldades dos adultos... É necessário enfatizar que as crianças e os adolescentes pedem limites e que o limite os ajuda a organizar sua mente.” (OUTEIRAL, 1984, p. 3, apud PAROLIN, 2009, p. 64)

Apesar de não serem considerados como o problema principal da escola, essa constatação de um comportamento inadequado faz muitas vezes com que esse jovem produza menos do que poderia produzir. Não necessariamente estão o tempo todo demonstrando esse tipo de comportamento, porém, quando o fazem, perdem oportunidades de construir melhor a sua aprendizagem.

Os alunos, por aquilo que fazem (comportamentos considerados inadequados e qualificados de “indisciplina”) e por aquilo que não fazem (realização correta e diligente das tarefas escolares que lhes são pedidas), tendem a ser, cada vez mais, encarados pelos professores como o problema principal da escola. (CANÁRIO, 2005, p. 71)

Durante minha experiência profissional pude notar que apesar desses problemas, há alunos que conseguem se desenvolver de forma satisfatória, numa sala de aula que o ensine de forma significativa, promovendo a melhoria da sua auto estima, ajudando-os a construir valores positivos ainda que não vivenciados em casa, com o objetivo de, no futuro transformarem a realidade em que vivem. Se a escola passar a ter sentido para eles, poderão se tornar indivíduos autônomos, aptos a pensar por si mesmos e agir em outros ambientes de forma ativa e consciente.

A escola tem a possibilidade e o dever de trabalhar com outras formas de organização, através de projetos que considerem os desafios e as possibilidades do currículo, levando os jovens/ alunos a um processo de apropriação do mundo, de novas práticas e valores, dos saberes práticos, teóricos e intelectuais. Como

pode a escola desenvolver um trabalho que aumente a auto estima dos alunos e lhes proporcione uma aprendizagem significativa e prazerosa?

2.2 A POSTURA DA ESCOLA FRENTE AO JOVEM/ALUNO

Um local de educação, de ensino, de instrução? Ou de omissão, deseducação? Como se dão as relações entre os públicos escolares e as comunidades atendidas? Qual o lugar da escola na estrutura social? “A palavra “escola”, vulgarmente conhecida como lugar onde se “estuda” [...] originária do latim *schola*, que por sua vez, deriva do grego *Scholé* [...] significava ócio dedicado ao estudo, ocupação literária.” (Souza, 2007, p. 97). Se perguntarmos a determinados jovens o que fazem da vida, poderão nos responder que só estudam. Ainda segundo Souza, 2007, p.98 “Em primeiro lugar, deve-se ter clareza de que o exercício de reflexão, produção e sistematização de conhecimento são trabalho, e trabalho pesado, trabalho intelectual braçal!”

Nota-se hoje no Brasil uma dificuldade da escola em ser realmente instrumento verdadeiro de educação e significado para o aluno diante de suas expectativas e necessidades diárias.

De acordo com os índices do Ideb (Índice de desenvolvimento da educação básica) a média nacional no ano de 2005 foi 3,8 nos primeiros anos do ensino fundamental. Em 2007, essa nota subiu para 4,2. Se o ritmo for mantido, o Brasil chegará a uma média superior a 6,0 em 2022. É o mesmo que dizer que teremos uma educação compatível com países do primeiro mundo antes do previsto. (EDUCAÇÃO – Para a Educação melhorar, todos devem participar – Ideb. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=273&Itemid=345)

A avaliação educacional mais importante – e relevante – do mundo revelou que a Educação brasileira está melhorando, mas ainda ocupamos uma posição baixa: em um ranking de 65 países somos o 53º colocado em Leitura e Ciências e 57º em Matemática. O Pisa avalia o desempenho de alunos do Ensino Fundamental e Médio em três áreas chaves: Leitura, Matemática e Ciências. A média brasileira nessas disciplinas foi de 401 pontos, bem abaixo da pontuação dos países mais desenvolvidos, que obtiveram 496 pontos. Em leitura, o Brasil alcançou 412 pontos; em Matemática, 386 e em Ciências 405 – em 2006 a pontuação foi de 393 em Leitura, 370 em Matemática e 390 em Ciências. Resultado que nos deixa atrás de México, Uruguai, Jordânia, Tailândia e Trinidad e Tobago. Apesar da má colocação, o Ministério da

Educação (MEC) enaltece a melhora do desempenho brasileiro nesses últimos anos. Em sua página oficial, o ministério destaca o aumento de 33 pontos na média geral nos últimos 10 anos. O relatório mostra que o Brasil é o terceiro país que mais cresceu em Educação básica na década, atrás de Chile (crescimento de 37 pontos) e Luxemburgo (melhora de 38 pontos). Para o ministro Fernando Haddad, um dos principais motivos dessa melhora foi o estabelecimento de metas por escolas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). (Educar para Crescer – Boletim da Educação – Desempenho do Brasil no Pisa melhora, mas ainda estamos longe de uma Educação de qualidade. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2010/12/07/desempenho-brasil-pisa-melhora-mas-ainda-estamos-longe-de-uma-educacao-de-qualidade/>)

Escolas com turmas menores, nas quais os professores são bem remunerados, onde há disciplina e uma boa relação entre professor e aluno, onde há uma gestão de qualidade, se destacaram com melhores resultados segundo análise do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). A escola não cumprirá o seu papel, muitas vezes se tornando um jogo de faz de conta, se não expressar sua autoridade pedagógica, que deverá estar sempre em diálogo com os sujeitos sócio culturais que se encontram na instituição, incluindo seus familiares.

Educação não é só levar para os alunos coisas interessantes. O que é interessante para alguns, pode não ter a menor importância para outros. Os problemas educacionais transcendem o ambiente escolar. Vivemos em um mundo em que há excesso de informações. Theodor Adorno e Max Horkheimer foram precisos na crítica aos meios de comunicação de massa. Para eles, “ a enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo”. (1985, p.15 apud SOUZA, 2007, p.16)

As informações advindas dos meios de comunicação de massa muitas vezes não são julgadas, avaliadas criticamente. Isso é algo que precisa ser aprendido e ensinado. Muitas vezes a escola não consegue estabelecer uma relação de diálogo com os sujeitos sócio culturais que lá estão, perdendo seu sentido mais amplo, que é caminhar junto, compartilhar saberes, formar o ser capaz de pensar e de agir.

Quaisquer que sejam as escolas, os níveis em que atuam os lugares onde se situam os públicos aos quais atendem elas devem ser pensadas na interação que estabelece com a sociedade, isto é, a escola não é uma bolha isolada do ambiente sociocultural no qual está inserida. Os públicos escolares (professores, funcionários e alunos) são sujeitos socioculturais que trazem para a escola seus modos de ser, pensar e agir. (SOUZA, 2007, p. 108)

2.3 UMA ESCOLA ALMEJADA POR TODOS

Uma escola ideal permite que seus alunos efetivamente vivam a cidadania no tempo presente, onde os alunos realmente são incluídos e valorizados em sua totalidade através de um aprendizado prazeroso.

“O livro **A Escola que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudessem Existir**, de Rubem Alves retrata a crença do autor de que o aprendizado pode ser um processo prazeroso e que experiências como essa devem ser estimuladas, valorizadas e sobretudo divulgadas para que os educadores sintam-se motivados a agregar novos valores às suas práticas. É portanto uma tentativa do autor de contagiar educadores para que promovam mudanças que gerem um aprendizado mais lúdico, prazeroso e voltado para a vivência da cidadania, não como algo abstrato, mas sim como algo concreto que pode e deve ser desenvolvido nas escolas”. (Disponível em: http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_4921/artigo_sobre_a_escola_que_sempre_sonhei_sem_imaginar_que_pudessem_existir)

Há uma escola denominada Escola da Ponte, em Portugal, com mais de trinta anos de existência onde a prática educacional adotada é focada no aluno e em suas necessidades, fazendo do espaço escolar um verdadeiro laboratório de novas experiências, onde a relação professor-aluno é representada e trabalhada dentro de uma relação dialógica onde saberes são trocados. Os alunos tornam-se protagonistas de sua própria aprendizagem, sentem-se motivados a aprender e a fazer novas descobertas. O educador José Pacheco (coordenador da Escola da Ponte há 28 anos) conta em entrevista um pouco da organização e do contexto dessa escola:

A necessidade de inovar surgiu por razões mezinhas. ...a Escola ... defrontava-se com um complexo conjunto de problemas: seu isolamento ante a comunidade de contexto, o isolamento dos professores dentro da escola, sutis ou claras manifestações de exclusão escolar e social, indisciplina, ausência de um verdadeiro projeto e de reflexão crítica sobre as práticas. Estava cativa da hegemonia de metodologias centradas no professor, as

instalações eram decrépitas e insalubres. Bastará dizer que o banheiro estava em ruínas e não tinha porta. Satisfazer às necessidades mais elementares constituía um teste de entreatuda: as alunas iam lá fora em pequenos grupos, fazia-se a parede e a porta num círculo humano em torno da necessitada, para gerar alguma intimidade... [...] Quando percebemos que precisávamos mais de interrogações que de certezas, definimos como objetivos: concretizar uma efetiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos; promover a auto-estima e a solidariedade; intensificar a cooperação. Consideramos indispensável alterar a organização da escola, interrogar práticas educativas dominantes. e, pelo caminho, encontramos amigos e companheiros (ainda que já desaparecidos como Paulo Freire, Piaget, Dewey, Montessori, Ferrer, Neil, Carl Rogers, Vigotsky, Stenhouse, Agostinho da Silva, Rodolph Steiner, Freinet, e muitos outros). ([HTTP://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd..cd.-educador-jose-pacheco.html](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd..cd.-educador-jose-pacheco.html) apud MANSUTTI, 2011, p.70)

Assim como o exemplo citado anteriormente – Escola da Ponte – há outras iniciativas distintas mas bem sucedidas, como o projeto que a UFMG desenvolveu com jovens da periferia de Belo Horizonte que comprova a possibilidade de se usar ferramentas significativas, através das quais o jovem possa ver suas expectativas atendidas por meio do diálogo, da sociabilidade e da construção identitária compartilhada. É um projeto que teve início em 2002 e finalizado em 2003. Teve como objetivo potencializar as ações que estes jovens já desenvolviam, além de instrumentalizá-los e capacitá-los para desenvolver ações culturais, através de cursos de leitura, elaboração de projetos culturais, oficinas de informática, entre outros, onde eram evidentes as mudanças de posturas dos jovens que participaram do Projeto, onde eles mesmos apontavam como percebiam o impacto do Projeto em suas vidas, como o fortalecimento da auto estima, o próprio reconhecimento como sujeito sócio-cultural e da construção positiva e/ou afirmação de múltiplas identidades – juvenil, negra, periférica, etc. Fonte: www.ufmg.br/Proex/arquivos/7encontro/educa94.pdf

Exemplos como estes confirmam que é possível de se construir espaços onde o aprendizado seja prazeroso, comprometido com os sujeitos envolvidos no processo e, que sobretudo dá conta do desenvolvimento integral do sujeito e suas diversidades. Por que muitas vezes, dentro do ambiente escolar os jovens não

são estimulados a dialogar, questionar, problematizar e construir o conhecimento de forma significativa, mediante as suas realidades vividas e experimentadas?

Para a escola tratar da diversidade, será necessário repensar o Projeto Pedagógico, a organização do tempo e espaço, considerando a necessidade de compreender quanto e como o tempo é despendido em atividades significativas para o desenvolvimento dos conteúdos, quais espaços são utilizados e com qual intenção. (HOÇA, [s.d] apud MANSUTTI, Maria Amabile, 2011, P.68)

Para que o ambiente escolar dê conta da formação integral do aluno, é fundamental também a mudança de postura do professor no sentido de se construir uma nova identidade profissional pautada na ética, no respeito, na igualdade de direitos e na justiça. A prática pedagógica necessita ser resignificada, enfrentando junto aos alunos os desafios na escola e na sociedade.

“Torna-se necessário mobilizar esforços no sentido da construção de identidades docentes sensíveis à diversidade cultural e que interfiram na criação de relações pedagógicas transformadoras e desafiadoras, que favoreçam a construção de conhecimentos, a cooperação, a negociação, a autonomia, a reflexão e a crítica em diferentes ambientes de aprendizagem.” (TEIXEIRA, 2010, p.46)

Uma escola que busca vencer o uso de práticas tradicionais em busca de práticas inovadoras, se flexibilizará quanto aos conteúdos escolares e aos horários, não reforçando a divisão e o isolamento, orientando, por exemplo a aprendizagem a partir de temas geradores de interesse do aluno, mas com objetivos bem específicos, com estratégias de ensino adequadas, de forma interdisciplinar ou multidisciplinar, partindo de questões que já se sabe, para o que não se sabe, incluindo até o professor que não é o único detentor do saber, é um coordenador do processo, mas aprende e descobre junto com o aluno fugindo da velha técnica de transmissão e memorização de conteúdos que muitas vezes não leva a quase nada.

“A perspectiva linear e cumulativa do currículo tem sido questionada a partir de uma nova leitura de mundo e de produção do conhecimento. O volume de conteúdos tornou-se inesgotável. O excesso de informação a que estamos expostos sugere que devemos saber buscar, selecionar e analisar informações, e não mais memorizá-las. Temos à nossa disposição suportes tecnológicos de tamanhos cada vez menores com capacidade cada vez maior de acumular dados. Assim, nossa memória pode ser poupada e usada para outras tarefas. Se não damos conta de saber tudo o que há para saber, temos que fazer novas opções. O que vale a pena memorizar?” (TEIXEIRA, 2010, p. 120)

Assim, na concepção de uma escola ideal, centrada na aprendizagem do aluno, não há mais lugar para a avaliação classificatória, quantitativa, mas uma avaliação que dê conta de diagnosticar o aprendizado já construído, no sentido de completá-lo e aperfeiçoá-lo, uma avaliação processual, formativa e global, saindo da mesmice que na maioria das vezes, pouco acrescenta ao aprendizado propriamente dito. Cabe à escola respeitar a diversidade cultural dos alunos e sua realidade, ampliando conhecimentos e formando parcerias com o meio extra escolar. Alves e Carvalho, 2004, p.1 nos revelam que: “[...] as instituições que trabalham com jovens precisam dialogar com os outros espaços educativos em que esses sujeitos estão inseridos.” Como a escola poderia entender melhor o sujeito, jovem cidadão, que ali ingressa? Presenciamos em nossas comunidades histórias de jovens que não se deram bem na escola, mas que lêem a vida de outra forma. Demonstam vários aprendizados, contrariando muitas vezes os rótulos a eles atribuídos. Segundo Dayreel (2001), “deveríamos considerar, de antemão, os jovens como sujeitos sociais que, de acordo com suas vivências, experimentam e constroem modos diferentes de ser jovem”. O trabalho com jovens deve ser produzido de uma forma dinâmica, participativa, promovendo a sua autonomia, refletindo e debatendo vivências, aliando o conhecimento prévio ao que a escola espera produzir. É um desafio para nós, educadores. Como disse Gomes, (2003) “[...] precisamos atentar para as peculiaridades dos sujeitos nos seus diferentes tempos/ ciclos de vida”.

Promover a igualdade e ampliar a visão de mundo são tarefas da escola. “A experiência nos mostrou que a educação não se reduz a mera transmissão e acúmulo de conteúdos, mas diz respeito às experiências sociais, quando cada um

vai-se construindo e sendo construído como ser humano.” (Alves e Carvalho, 2004) Quais são os desejos dos jovens em relação à educação? A autonomia, segundo Paulo Freire (1997), deve ser um dos pilares do processo educativo. Uma das funções da escola é humanizar.

O acesso do jovem a bens culturais possibilita-lhe enriquecer suas vivências, há um ganho muito grande na questão da sociabilidade, na medida em que esse sujeito conhece e reconhece na cultura outras maneiras de se relacionar, de conviver, de desenvolver sua capacidade de auto-conhecimento, autonomia para se tornar um sujeito crítico e conhecedor de outros valores.

Uma metodologia de trabalho com jovens, na perspectiva educacional, seja na educação formal ou não-formal, não deve prescindir de utilizar-se das diversas linguagens culturais, como ferramenta do processo educativo, estimulando a autonomia e auto-conhecimento, e a formação de sujeitos críticos e conhecedores de valores diversos. (ALVES E CARVALHO, 2004, p.8)

A Universidade pública ainda está distante das camadas populares. Porém há iniciativas como o projeto que a UFMG desenvolve com os jovens de periferia de Belo Horizonte que comprovam que é possível desenvolver um trabalho significativo e real para jovens que tiveram muitas vezes que abandonar a escola e que, através deste incentivo, voltaram a estudar, muitos ingressando em cursinhos pré-vestibular e enxergando um novo horizonte para suas vidas. Alves e Carvalho, 2004, p.13 afirmam que “(...)Ao mesmo tempo em que estamos produzindo conhecimentos, estamos estimulando e dando condições para que os jovens assumam seus próprios destinos.”

Quando isso não acontece, a escola pode enfrentar problemas como a falta de disciplina. Jovens que esperam encontrar respostas para seus conflitos, e que se decepcionam muitas vezes por constatarem que a escola fala uma linguagem distante de suas realidades.

Na verdade, de ambos os lados, as expectativas são frustradas: os educadores não conseguem ensinar e os alunos sentem-se desamparados pela escola que, na opinião deles, não cumpre sua função de transmitir os conhecimentos necessários para sua inserção no mercado de trabalho. (CHARLOT, 1992, p.34)

Acredito ser necessário que a escola mantenha um diálogo aberto com o jovem sobre o que necessitam. O professor, ao ouvir o que seus alunos têm a dizer, se auto avalia e avalia ao mesmo tempo se a aprendizagem está sendo bem produzida ou mal produzida. Nas periferias das cidades, os jovens convivem com inúmeros conflitos, mas vivenciam importantes relações de cooperação e ajuda mútua. A escola serve como ponto de encontro, espaço de convivência com os amigos, mas também espaço de conflitos. De acordo com Charlot, 1992, “O encontro é uma das condições necessárias para que as relações de ensino/aprendizagem sejam realmente frutíferas.” O encontro é momento de troca de experiências como também de reflexão, discussão e resolução de conflitos. A escola pode ser muito desejada onde existe diálogo, profissionais comprometidos realmente com a causa que a escola defende.

Quanto à escola pública, estamos certos de que cumprirá seu papel se vier a ser, antes de mais nada, um espaço de reconhecimento recíproco. [...] Não só o papel de acolhimento, mas também o de diálogo com os jovens, no sentido da construção do bem comum e da cidadania. (CHARLOT, 1992, p.49)

Torna-se necessário que haja nas escolas uma desconstrução como a quebra dos currículos rígidos, horários, intervalos, disciplinas, tudo muito rígido, sem flexibilidade, principalmente a partir dos anos finais do Ensino Fundamental.

O espaço da escola é um espaço dividido, com lugares predestinados que não se confundem nem se misturam. O tempo da escola é um tempo segmentado com momentos destinados para as atividades que igualmente não se confundem nem se misturam. A escola é um conjunto de espaços e tempos que representam um ajuntamento e não um congregamento. (GOERGEN, 2011, p.67)

É necessário repensar o PPP (Projeto Político-Pedagógico) das escolas, motivando a participação mútua, o entendimento dos espaços e tempos como significativos para o aluno e para a sua própria aprendizagem. Nas séries iniciais do ensino fundamental, é possível articular melhor e muito mais a questão dos conteúdos das aulas, há um diálogo entre as disciplinas. O professor trabalha com várias disciplinas. Ao aluno isso proporciona um ganho muito grande, devido à flexibilidade quanto ao tempo e à organização entre uma disciplina e

outra.

Professores e outros profissionais da educação , trabalham de forma integrada fazendo planejamento coletivo visando a apreensão de conhecimentos múltiplos, por parte do aluno? Por que muitas vezes a escola não consegue que seus jovens/ alunos apreendam ativamente conhecimentos que lhe garantem entender, operar e melhorar o mundo?

Adolescentes e jovens obtêm ganhos de aprendizado na experimentação e na circulação em múltiplos espaços e territórios a que têm acesso: compelidos no e pelo apelo da sociedade da excedência cultural, desenvolvem aprendizados quase espontâneos na oferta glamourosa dos hipertextos e recursos multimídia que viabilizam comunicação e informação.
(MANSUTTI, 2011, p.71)

Uma das formas de se obter mais qualidade no âmbito escolar seria a participação da comunidade, estabelecendo parcerias entre ambas. Por que existe a dificuldade em se estabelecer parcerias com o meio extra escolar, onde o jovem transita, frequenta, vive e convive? Passaria a comunidade a ter uma nova visão da escola? A aprendizagem significativa existe, motivo pelo qual há escolas que vencem seus obstáculos e outras que por não ousar, continuam convivendo com a passividade e a indisciplina. Segundo Mansutti, 2011, “Cabe aos professores e gestores, de cada escola, munirem-se de uma grande dose de vontade e de alguma ousadia para produzirem as transformações necessárias e preservarem a especificidade do fazer educativo.”

2.4 QUANDO A ESCOLA SE OMITE

A questão da indisciplina estaria ligada ao fato de a escola não ter um trabalho pedagogicamente correto, acarretando prejuízos na qualidade das relações e do trabalho desenvolvido? Numa sociedade altamente competitiva em que vivemos, carece a escola de promover a cooperação, diálogo, a troca de experiências. Hoje os tempos são outros e não se espera que o aluno permaneça calado, obediente, passivo. Falta limites, respeito ao outro, tolerância com as diferenças. Muitos alunos se justificam dizendo das dificuldades porque passam em casa, na família, da falta de estímulo, de interesse, da escola ser chata. A escola justifica o não aprendizado do aluno culpando a família, o seu próprio desinteresse.

“a falta de confiança nas possibilidades do alunos, por exemplo, tem se configurado como um sério problema no enfrentamento da questão da indisciplina. O aluno se sente autorizado a agir de qualquer jeito, já que não se espera o melhor dele”. (VASCONCELOS, 2011, p. 54,55)

Ao receber então um aluno com comportamento considerado inadequado, qual deve ser a reação da escola? Rejeitá-lo, pela sua forma de comportamento? Procurar entender a causa do comportamento agressivo, e ajudar o jovem a se estabilizar emocionalmente, ajudá-lo a confiar no trabalho da escola, demonstrando para ele que o mesmo possui muitos potenciais?

A escola que não atender às expectativas do aluno, subestimar a sua capacidade, desconhecer e não valorizar a sua identidade social, cultural e racial, estará mais sujeita a conviver com a indisciplina? Algo precisa mudar; é necessário uma mudança nas relações e no trabalho. Ainda segundo Celso Vasconcelos, “antes de tudo a escola deve trabalhar um projeto político-pedagógico que dê sentido à escolarização, já que muitos alunos não vêm sentido nas práticas escolares e, com frequência, se questionam se é mesmo importante estudar”. Ainda sobre o desempenho da escola, podemos considerar outros fatores:

[...] A melhoria da escola e do ensino requer a consideração e análise de uma trama de fatores: condições de trabalho do professor; formas de organização do trabalho no interior da escola que muitas vezes, dificulta a formação em serviço; perda do controle de trabalho pelo professor; baixo *status* da profissão; ausência de políticas efetivas de acesso e de promoção profissional, que acabam por influir na atuação do profissional. (ARROIO, 2004)

2.5 A IGUALDADE RACIAL DENTRO E FORA DA ESCOLA

Também incide sobre o jovem a questão do preconceito e da discriminação. Ele sofre com o racismo fora do âmbito escolar e infelizmente em muitos casos, a escola reforça essas atitudes, ao não valorizar a cultura negra, suas especificidades e os sujeitos nela envolvidos. Brancos e negros são iguais perante a lei e o sistema educacional detém um poderoso instrumento de opressão ou de libertação, sendo capaz de eliminar estereótipos que depreciam a imagem do aluno negro ou afro-descendente. “Toda forma de preconceito e discriminação racial, seja baseada nas origens, seja baseada na aparência física das pessoas, constitui um ato hediondo por si mesmo, devendo ser incessantemente combatido”. (PAIXÃO, 2006, p. 24).

Como o aluno negro se sentiria à vontade numa escola que reforça a discriminação? Não estaria aí também a origem de muitos conflitos inter institucionais que levam ao desrespeito com o outro, à vingança frente a comportamentos classificados como bullying? Há ocorrência de fatos ligados até ao crime dentro do ambiente escolar que são muito reportados pela mídia, algumas até muito sensacionalistas mas que não buscam esclarecer o que se passa por trás deste cenário.

“Assim a sequência de episódios violentos no cenário escolar vem preocupando governo, educadores, famílias dos alunos e sociedade de modo geral, exigindo a mobilização de todos na direção de minimizar essas graves ocorrências sociais. A imprensa falada e escrita proclama a gravidade da situação, e Camila Pereira, em seu artigo “Quando ensinar é uma guerra”, sensibilizada com a problemática, apresenta fortes depoimentos de professores de escolas públicas e particulares de nosso país sobre o assunto.” (TEIXEIRA, 2010, p. 44)

Para o avanço da educação, torna-se necessário a promoção de uma relação mais harmoniosa na escola, reduzindo os conflitos, o estresse e a tensão vividos por professores e alunos e a promoção de um ensino que deixe os alunos mais motivados, numa convivência de amizade, respeito e cooperação entre os diferentes atores desta instituição. A escola que dialoga com o seu público e com a comunidade em seu entorno possibilita a construção de consensos e acordos, construindo uma identidade coletiva, com referência social e pessoal.

“Ao fechar os olhos para a realidade singular dos alunos e alunas negros, o sistema de ensino não reconhece que eles enfrentam uma série de problemas especialmente típicos desse grupo: i) a entrada precoce no mercado de trabalho; ii) a baixa qualidade do ensino público, no qual se concentra a maioria dos estudantes afro-descendentes, que não contribui para promover a construção do conhecimento; iii) imposição de um conteúdo programático que não valoriza o universo dos afro-descendentes e, portanto, não estimula a elevação de sua auto-estima, iv) a presença do racismo e do preconceito em sala de aula e no ambiente escolar, o que reduz o estímulo à continuidade dos estudos; v) a falta relativa de bons exemplos no mercado de trabalho que possam sinalizar melhores perspectivas de retorno profissional financeiro para aqueles que investem nos estudos.” (PAIXÃO, 2006, p.34)

2.6. IDENTIDADE, SEXUALIDADE E GÊNERO NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Como a escola lida com estas questões? Naturaliza-as ou procura problematizá-las? Atenta-se para a questão da produção dessas identidades, dentro da cultura e da sociedade? Por que as outras formas de identidade são muitas vezes alvo da invisibilidade por parte da escola? Para a escola seria mais “fácil” ignorar as outras formas de manifestação de identidade? Seria pelo fato de não saber lidar de forma segura com essas questões? A escola, cada vez mais, precisa estar atenta a estas questões, tratando-as como problema pedagógico e curricular. “É inevitável o contato com o outro, com o ‘diferente’. Reprimir pode reforçar conflitos, confrontos, hostilidades e violência.” (SILVA, 2000, p. 97)

Sexualidade traduz-se como energia, turbilhão de emoções e sensações que move todos os indivíduos, independente de sua vontade. Nossos prazeres e desejos são resultado de uma complexa combinação de sentidos, de representações. Sentidos esses que não são fixos, nem estáveis. Estão ligados a relações de poder e são frequentemente dissimuladas ou negadas. Por que as instituições, incluindo a escola se sentem capazes de vigiar e controlar a sexualidade e o gênero e insistem em não respeitar as diferenças, marginalizando os indivíduos?

Mulheres e homens produzem-se de distintas formas, num processo carregado de possibilidades e também de instabilidades. Elas e eles são ao mesmo tempo sujeitos de distintas classes, raças, sexualidades, etnias, nacionalidades ou religiões. (LOURO, 1998, p.34)

No contexto de nossa sociedade, a norma é constituída a partir do homem branco heterossexual de classe média urbana e cristão, forma única sexual “natural”. Homossexuais e bissexuais estão fora da norma, são desviados, doentes ou pervertidos, diferentes. Quando se fala em resgate ou preservação dos “valores tradicionais da família” é da família “normal” que se fala. Tornadas “invisíveis”, as “outras famílias” parecem menos “legítimas”, ficam marginalizadas. Não seria dever da escola trabalhar de forma a transpor essas barreiras, problematizar, em vez de negar a subjetividade de cada indivíduo, reforçando a discriminação?

Práticas sutis de discriminação estão sendo constantemente exercidas dentro e fora da escola que é pouco acolhedora para com aqueles que não se ajustam aos padrões ditos normais. A heterossexualidade não é natural, “automática” ou “facilmente

assumida”, assim como a homossexualidade e a bissexualidade também não o são . As censuras insinuadas ou explícitas leva, muitas vezes, os sujeitos ao isolamento e à serem encaminhados para o médico ou psicólogo, quando se entende que traduzem um comportamento que atravessa fronteiras sexuais e de gênero, construída dentro dos moldes hegemônicos.

As múltiplas identidades não podem ser compreendidas separadas da história e da política. Uma abordagem histórica é fundamental para que se possa questionar e ousar transformar arranjos sociais perversos e desiguais. A questão da sexualidade não fica inerente à escola. Ela tem um papel importante na produção dessas identidades, que são vividas pelo sujeito desde toda sua existência. A visibilidade e reconhecimento social de novas formas de sexualidade ou de novas formas de relação entre os gêneros certamente têm efeitos sobre as formas tradicionais. Por que nós, adultos, profissionais da educação, nos resguardamos, muitas vezes, da discussão sobre os afetos, desejos e fantasias? Estaria relacionado ao fato de estarmos submetidos a uma experiência cultural dominante a ponto de nos aprisionarmos e termos dificuldades de transpor as fronteiras de gênero e sexualidade, abafando dúvidas, inquietações, reforçando também o machismo?

Nos últimos anos tornaram-se centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais as questões relacionadas ao multiculturalismo e à diferença, que não podem ser tratadas de forma marginal, apenas como temas transversais, mas problematizadas. São interdependentes, são inseparáveis, são ativamente produzidas num ambiente social e cultural. Não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquire sentido. “A mesmidade (ou identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p.79). Estão sujeitas a vetores de força, a relações de poder. São impostas, disputadas e nunca inocentes. Incluem ou excluem, são classificatórias, hierarquizadas.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (SILVA, 2000, p. 83.

Em se tratando de identidade e diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. A identidade está ligada a histórias de ocupação, colonização e destruição

(hibridização forçada) ou pela hibridização feita, por opção, ocasionalmente ou constantemente, através do deslocamento entre fronteiras, viagens... A questão da escravização negra favoreceu o processo de miscigenação de raças e culturas, desestabilizando as identidades originais. Estaria a escola se preparando para enfrentar as questões da diferença de gênero, sexualidade, raça, religião, trabalhando de forma a não reforçar o preconceito, o racismo, a dominância da cultura “branca”?

O multiculturalismo, termo utilizado para descrever a existência de culturas diversas numa mesma localidade, não pode ser apenas uma questão de tolerância e respeito à diversidade cultural, mas uma problematização de uma questão que envolve relações de poder passíveis de serem criadas e recriadas. Identidade não é homogênea, não é definitiva, não está nunca acabada. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente. O encontro com o outro, com o diferente, é inevitável. A identidade se torna problema social, pedagógico e curricular por envolver relações de conflitos, hostilidades e violência. A repressão pode reforçar e multiplicar atitudes negativas. Estimular o jovem a entrar em contato com a diversidade cultural entre diferentes grupos, pode proporcionar a conscientização e a mudança de atitudes. Uma escola que se atenta para a questão do multiculturalismo, prepara-se para acolher os jovens/alunos em suas particularidades, favorecendo e valorizando as variadas expressões culturais, articulando no seu dia-a-dia teoria, reflexão e prática. Professores e outros profissionais da educação estão preparados para lidar multiculturalmente com o seu público, evitando o reforço de práticas culturais preestabelecidas, dominantes e preconceituosas?

2.7. CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Faz parte de uma aprendizagem significativa a adoção de boas práticas de ensino, sendo práticas pedagógicas inovadoras, baseada no diálogo entre alunos e professores. O campo educativo precisa atentar-se às mudanças de organização no campo do trabalho, da produção, das relações interpessoais, diversificando o processo entre quem ensina (o professor) e quem aprende (o aluno), de forma que ambos construam conjuntamente o conhecimento, implicando em transformações na pedagogia de trabalho atual, visando à ampliação das discussões em torno de liberdade, de voz e vez, dos direitos de negros, mulheres e crianças, entre outros. Isso implicaria na mudança de currículos, muitas vezes tão rígidos, na forma de relacionamentos entre escola/aluno, numa dimensão cultural, ética e social, superando desafios, construindo novas práticas contínuas de ensino aprendizagem.

“A educação é um fenômeno humano, histórico, social, cultural. Ela se caracteriza pela sua multidimensionalidade. Desse modo, é possível dizer que não existe um único modelo de educação dos sujeitos e, da mesma forma, não é apenas o professor o profissional responsável pelo processo educativo.”
(TEIXEIRA, 2012, p.15)

É uma realidade triste ainda hoje em dia a questão da reprovação. Seria o jovem o único e/ou o principal responsável por seus fracassos ou sucessos na escola?

O ensino público brasileiro ainda não garante aos seus alunos as condições necessárias e suficientes para o desenvolvimento de uma relação pessoal significativa com o(s) saber(es) tão relevante para o êxito da aprendizagem.
(CHARLOT, 1992 e 1996, p.33)

A escola é tida como ponto de encontro, mas sobretudo deveria ser lugar de aprendizagem, encontro com o saber, com as relações de ensino/aprendizagem. A respeito desse saber, poderíamos questionar o porque de se aprender algo e para quê. “O saber valorizado pelos jovens, aquele que na sua

experiência de vida consideram o ‘mais importante’, é o saber necessário a um tipo de sociabilidade, a um certo tipo de vida coletiva.” (CHARLOT, 1996, p. 41.)

Por que os jovens, muitas vezes, conferem pouco valor ao aprendizado escolar? Seria apenas falta de interesse dele? Ou a escola não tem proporcionado uma formação que tenha sentido para esse sujeito? Quantas vezes, o professor, preocupado em vencer o conteúdo que preparara para a aula, deixa passar despercebido as questões vivenciadas pelos jovens, e que seria objeto de reflexão, compartilhamento de saberes, de conhecimento significativo e real. Assim, jovens alunos continuam muitas vezes, dentro da sala de aula, mas com o pensamento voltado para suas particularidades, que, intencional ou não, é silenciado pela escola, é negado muitas vezes, a origem, a cultura, os problemas sociais e pessoais por eles vividos.

Como forma de se construir uma aprendizagem significativa, destaca-se a importância de uma formação profissional sólida por parte do professor, a valorização do profissional que deve se preocupar cada vez mais em proporcionar um ensino de qualidade a seus alunos. Também o conhecimento do seu público por toda a escola, seus conflitos, vivências, frustrações, uma postura ética e educacional de qualidade, sem omissões, promovendo a igualdade racial, respeitando as identidades, as diferenças de sexualidade e de gênero e suas práticas, auxiliando os jovens alunos a construir seus valores coletivos, exercendo sua cidadania de forma crítica e tendo um papel ativo de mudança na sociedade.

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez de individualização crescente e de identidades plurais. Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. (DAYRELL, 2007, p.1125)

O processo educativo se dá em todos os meios e na relação do homem com o mundo, e é contínuo produzindo permanentemente conhecimentos e habilidades. A escola surge, porém, como mediadora desse processo, na medida em que procura compreender, aplicar, transformar, problematizar todo esse conhecimento produzido fora do âmbito escolar. “É na prática social que o homem cria cultura e conhecimento e, ao mesmo tempo, torna-se produto dessa cultura” (TEIXEIRA, 2012, p.16)

A prática pedagógica se desenvolve de acordo com a realidade e as tendências vigentes, aceitando diferenças em busca de uma ação transformadora na escola, levando à promoção do aprimoramento humano. Por que muitas vezes então, a escola não consegue cumprir o seu papel?

“(…)mas a escola não está preparada para atuar em sociedades multiculturais, constituídas na pluralidade e nas diferenças. Habituada a lidar como se todos fossem iguais, como foi dito anteriormente, ela se vê ameaçada, sem condições para enfrentar e absorver o universo dos alunos em sua diversidade.” (TEIXEIRA, 2010, p. 44)

Como enfrentar então os inúmeros desafios que se apresentam na escola, posicionando-se rumo a uma re-significação da prática pedagógica e sua relação com os alunos? O docente, apesar de não ser o único responsável pela educação dos sujeitos, poderá lançar mão de referenciais que darão sentido e significado ao processo educativo. Em pesquisa realizada em Belo Horizonte, entre 2003 e 2007, com jovens estudantes pobres sobre os significados atribuídos por eles às práticas pedagógicas denominadas inovadoras, foram apontadas variadas respostas tais como:

“Diferente é uma aula onde me dá vontade de escutar e de falar também!”; “Pra mim a aula vai ser diferente se eu aprender alguma coisa”; Se o professor quiser saber o que eu gosto sobre a matéria”; e, ainda, “se o professor perguntar o quê que eu já sei daquilo que ele vai falar”;ou “se tiver alguma coisa que ver com minha vida, vai ser uma aula diferente”. Destacamos: “Se o professor estiver preocupado pelo menos um pouquinho em me ensinar alguma coisa, é uma aula diferente, porque eles não estão nem aí!” (SILVA, apud TEIXEIRA, 2010, p.179)

É importante ressaltar que o jovem/aluno espera que a escola não seja indiferente a ele, mas que se comprometa com seu aprendizado, que acredite nele, que o leve a construir o conhecimento e o ressignifique para sua vida, que não seja mera transmissora de conteúdos sem significado, sem relação com o seu dia-a-dia e com sua história. “Lembrando Paulo Freire, os jovens só aprendem quando têm um projeto de vida no qual o conhecimento é significativo para eles.” (TEIXEIRA, 2010, p. 182).

e ainda:

“ É o sujeito quem aprende através de sua própria ação transformadora sobre o mundo (...) O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se construa como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitantemente ao ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado.” (FREIRE, 1996, apud TEIXEIRA, 2010, p.182)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à realidade de que é necessário uma inovação escolar nas suas práticas educativas, valorizando e reconhecendo a figura do jovem, um ser em transformação, produtor de conhecimentos e aprendizados, que vivencia diversas culturas e conflitos externos e internos, de raças e realidades diferentes, o presente trabalho buscou, através de temas associados ao assunto, refletir de forma relevante a questão da relação que se deve construir entre escola e alunos. Ambos transformando a própria realidade social em que estão inseridos através de aprendizagens significativas, políticas antidiscriminatórias, incentivo à igualdade racial e de gênero, respeito às diferenças, valorização do conhecimento prévio e a contribuição deste no processo de aprendizagem escolar num trabalho de interação e compartilhamento de saberes.

Através das falas de vários autores, pode-se constatar que os aspectos relacionados a seguir contribuem com êxito para a construção de uma cultura escolar mais humana e igualitária para o público jovem: Conhecimento do jovem, seus conflitos e seus anseios; reflexão sobre a conduta do jovem na escola, procurando entendê-lo e auxiliá-lo na superação de conflitos; importância da adoção pela escola de uma postura de valorização, de conhecimento de seu público, não depositando somente sobre ele, a culpa de seus fracassos; a relevância de uma escola que possa pensar, pesquisar e levar para a prática ações significativas no desenvolvimento e formação do cidadão crítico e participativo; a produção da igualdade racial, da identidade e da diferença, não reforçando preconceitos e discriminações; uma desnaturalização do nosso olhar sobre o fazer pedagógico, sobre o jovem e sobre a escola na qual estão inseridos.

A escola e os educadores precisam transpor os muros escolares, mapear e reconhecer a existência desses espaços e se colocarem em relação e diálogo com os mesmos, para construírem projetos mais significativos e que levem em consideração os modos específicos dos diferentes jovens se relacionarem com os espaços e, também, com os saberes escolares. (MAIA, 2008, n.11)

Pesquisa realizada por uma jovem aluna do 2º ano do ensino médio no Grupo Educacional de Camaragibe (PE) intitulada “Escolas: Gaiolas ou asas”,

nos aponta que o jovem busca na escola apoio, liberdade, a construção do conhecimento baseada em suas experiências pessoais, com assuntos de seu interesse, com aulas práticas, lúdicas, dinâmicas, onde haja interação entre estudante e professor. Uma escola que estimule e interesse até aos alunos ditos como “bagunceiros”. Segundo a aluna, a escola onde estuda, felizmente, está mais para isso por permitir sugerir e construir projetos importantes e significativos. (MAIA, 2008, nº11)

Considerando-se que o objetivo mais amplo de uma escola deve antes de tudo a formação humana, necessita-se desde já a criação de projetos, que dialoguem com o universo juvenil, com suas experiências e vivências.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Zenaide e CARVALHO, Gustavo Barhuch de. Metodologia de trabalho com jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 12 a 15 de setembro de 2004 p. 1, 6, 8, 13.

ARROYO, Miguel. 2004 apud ALVES, M. Z. Paula, S.M. 2011. Juventude e formação de professores, Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, V. 17, nº 97, p. 34, jan/fev 2011

BRITO, Lemus Roberto, 1996, apud LEON, Oscar Dávila. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. Ação Educativa/, sd, p. 13.

CANÁRIO, Rui. A escola como construção histórica. O que é a escola? Um olhar sociológico. Porto Editora 2005, p. 70, 71

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000. 93 p. (Cap. 2); Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. 1992 e 1996, p. 33, 34, 47, 49.

CIÊNCIAS humanas, categoria educação. Resenha de ‘A Escola que Sempre Sonhei Sem Imaginar que Pudesse Existir’. Disponível em http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_4921/artigo_sobre_a_escola_que_sem_pre_sonhei_sem_imaginar_que_pudesse_existir

CORTI, A.P., FREITAS, M.V; SPOSITO, M. O Encontro das culturas juvenis com a escola. São Paulo: Ação Educativa, 2001 apud VÓVIO, C. L. Organização dos processos de aprendizagem, 2007, p.77

DAYRELL, Juarez. A Escola Faz as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol.28, N.100 – Especial, P. 1107-1119, out. 2007. Disponível em <[HTTP//WWW.cedes.unicamp.br](http://WWW.cedes.unicamp.br)>

DAYRELL, Juarez. 2001, apud ALVES, Maria Zenaide e CARVALHO, Gustavo Barhuch de. Metodologia de trabalho com jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 12 a 15 de setembro de 2004 p. 1, 8.

DURKHEIM, 1995, apud SOUZA, Introdução à Sociologia da Educação, Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 100.

Educar para crescer: Boletim da Educação. Editora Abril. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2010/12/07/desempenho-brasil-pisa-melhora-mas-ainda-estamos-longo-de-uma-educacao-de-qualidade/>

Entrevista com José Pacheco – Disponível em ([HTTP://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd...cd.-educador-jose-pacheco.html](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd...cd.-educador-jose-pacheco.html) apud MANSUTTI, Maria Amabile. Tempos e Espaços na Escola. 2011, p.70)

FREIRE, Paulo. 1997 apud ALVES, Maria Zenaide e CARVALHO, Gustavo Barhuch de. Metodologia de trabalho com jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 12 a 15 de setembro de 2004 p. 8.

FREIRE, Paulo. sd. apud TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Temas atuais em didática. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.182.

FREITAS, Maria Virgínia de. Juventude e Adolescência no Brasil. Ação Educativa/ Cortez, 2005, p.6, 8.

GOERGEN, 2011 apud MANSUTTI, Maria Amabile e VÓVIO, Cláudia Lemos. Orientações Educacionais. In. Caderno de reflexões – Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB/SECAD, 2011. p. 67

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão, In: Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005, p.3

GOMES, Nilma Lino. 2003 apud ALVES, Maria Zenaide e CARVALHO, Gustavo Barhuch de. Metodologia de trabalho com jovens: algumas reflexões a partir de uma experiência. In: Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 12 a 15 de setembro de 2004 p. 6.

HOÇA, Liliamar sd. Discutir a diversidade, o tempo e o espaço da escola: o que significa? apud MANSUTTI, Maria Amabile e VÓVIO, Cláudia Lemos. Orientações Educacionais. In. Caderno de reflexões – Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB/SECAD, 2011. p. 68.

Ideb: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Portal MEC. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=273&Itemid=345

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron. (Org.) A Escola Cidadã no Contexto da Educação globalizada. Petrópolis: Vozes, 1998, p.34.

MAIA, Carla Linhares. Juventudes e Escola: territórios do saber. Revista Onda Jovem. Agosto de 2008, n.11.

MANSUTTI, Maria Amabile e VÓVIO, Cláudia Lemos. Orientações Educacionais. In. Caderno de reflexões – Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB/SECAD, 2011. p. 71.

NOLTE, D. L; Os adolescentes aprendem o que vivenciam. Rio de Janeiro: Sextante, 2005, p. 181, apud PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Sou professor! A formação do professor formador. Curitiba: Editora Positivo, 2009, p.121.

OUTEIRAL, J.O. O mal estar na escola. Rio de Janeiro: Revinter, 1984, apud PAROLIN, Isabel. Sou Professor, Curitiba, Editora Positivo, 2009, p. 64

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdade nas Questões Racial e Social. In: BRANDÃO, Ana Paula, Saberes e Fazeres. Modos de ver. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, vol.01, 2006 (A Cor da Cultura), p.24, 34

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Sou Professor! A formação do professor formador. Curitiba: Editora Positivo, 2009, p. 121.

SILVA, Analise de Jesus. Didática e Juventude – Um estudo a partir dos significados atribuídos por estudantes às práticas pedagógicas inovadoras de seus professores. apud TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010, p. 179

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000 b, p.79, 83.

SOUZA, Valdir Alves de. Introdução à Sociologia da Educação. Belo Horizonte, Autêntica, 2007, p. 16, 97, 98, 108.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Temas Atuais em Didática. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 15, 16, 44, 46, 120, 179, 182.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. 2011, apud ANDRADE, Marita. Indisciplina: hora de rever as relações e as práticas, Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, V.17, nº 97, p. 54, 55, jan/fev. 2011.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Jovens na Alfabetização: para além das palavras, decifrar mundos. Brasília: Ministério da Educação, Ação Educativa, 2007, p. 78.

5. ANEXOS

Entrevista

Foram entrevistados cinco jovens, alunos de um curso Técnico, sobre as questões:

- Para você, o que é ser jovem?
- Como, onde e com quem você aprende a ser jovem?

D.M.S.M, 24 anos, responde: “Ser jovem é aprender a cada dia, com um passo de cada vez, o que a vida tem a nos oferecer, sem medo de errar, sem pensar no amanhã. É viver apenas o hoje, deixando o ontem como passado e o dia seguinte como desconhecido.

Aprendi a ser jovem em minha convivência com adultos. Foi quando percebi que eu tinha um mundo diferente e melhor, pois em meu mundo de jovem, não existia ganância, responsabilidades etc.”

L.C.A., 24 anos, responde: “ Ser jovem para mim, é a hora que temos responsabilidade com trabalho, família, estudo, não deixando para trás a fase de curtir viagens, amigos, baladas. A fase em que descobrimos, que nada ainda sabemos e que temos ainda que aprender.

A vontade de ser jovem nasce dentro de cada um. Uns mais cedo, outros mais tarde. Aprendemos nas oportunidades que a vida nos oferece com amigos, família, escola etc.”

F.A.E.C. , 19 anos, responde: “Ser jovem é estar em uma fase de descobrir a si próprio, abrir os olhos para a realidade da vida, vencer grandes obstáculos para ingressar na vida “dos adultos”. Também é estar preparando para tomar as mais difíceis decisões da vida, estas são as que vão definir o verdadeiro futuro.

Aprendi a ser jovem, primeiro ouvindo conselhos dos meus pais, analisando tudo o que se passava ao meu redor e absorvendo o que era bom e eliminando o que não era útil. Aprendi a ser jovem em três lugares essenciais na minha vida: em casa, na igreja e na escola, todos trouxeram grandes influências para minha juventude, hoje a minha visão para a vida adulta é muito tranquila. As pessoas que mais me ensinaram sobre juventude foram meus pais, pessoas de influência no meio religioso e professores que se tornaram amigos na caminhada”

J.A.O.F., 19 anos, responde: “Ser jovem é uma das melhores fases da vida. Época de curtir, de viver uma fase onde faz suas próprias escolhas sem ter todas as responsabilidades de um adulto.

Aprendo a ser jovem tomando decisões importantes, não me deixando entrar em caminhos sem volta, tipo drogas.”

E.N.P., 22 anos, responde: “Para mim ser jovem é quando deixamos de ser crianças e damos os primeiros passos para a vida adulta. Aprendemos a ser jovens no nosso dia-a-dia, nos obstáculos que a vida nos prepara e que nos fazem crescer.”

A entrevista foi realizada por amostragem dentro de uma sala com 36 alunos, de um curso técnico.

Além de estudar, esses jovens trabalham auxiliando no seu próprio sustento. A maioria sai de casa para estudar por volta das 18:00 h e retornam por volta das 23:30 h.

Percebo que os jovens entrevistados têm como referência à questão da juventude os seguintes aspectos: passagem de fase da vida, início do assumir das responsabilidades, tomada de decisões, momento de descobertas, vencimento de obstáculos, surgimento de novas oportunidades, época de aprendizados.

Segundo eles, a juventude se dá em vários espaços de convivência e nas oportunidades que a vida oferece.